
OS PASSATEMPOS NO *NOVO*
ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS DE 1922
The hobbies in 1922 *Novo Almanaque de Lembranças*

Marta Rodrigues¹

RESUMO: O artigo em questão analisa a presença dos textos de passatempo no *Novo Almanaque de Lembranças* de 1922, avaliando estrutura, forma, importância, características principais dessa produção, além de analisar como esses textos compõem uma estrutura particular dentro dos almanaques. O enfoque foi especialmente na produção feminina, sem, no entanto, ignorar o conjunto como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: *Novo Almanaque de Lembranças*; Passatempos; Presença feminina.

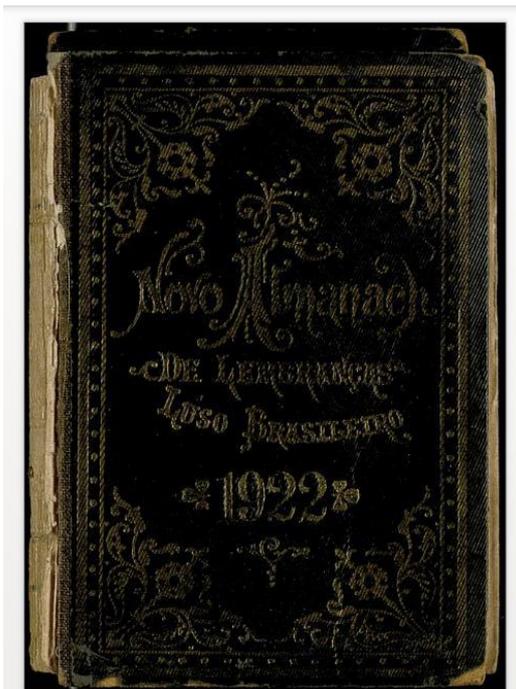
ABSTRACT: The article in question analyzes the presence of pastime texts in 1922' *Novo Almanaque de Lembranças*, evaluating structure, form, importance, main characteristics of this production, in addition to analyzing how these texts make a particular structure within the almanacs. The focus was specially on female production, without, however, ignoring the group as a whole.

KEYWORDS: *Novo Almanaque de Lembranças*; Hobbies; Female presence.

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, fundado por Alexandre Magno Castilho, foi publicado anualmente de 1851 a 1932. Por suas páginas passavam poesia, textos em prosa, passatempos e curiosidades, seu objetivo era, em linhas gerais, contribuir para o estreitamento das relações Portugal-Brasil, para o desenvolvimento cultural dos dois países e para despertar o interesse pela literatura. Dentre os textos produzidos, ganham destaque os que integravam a seção charadista, que totalizavam a maior parte da produção da revista anual. Interessante avaliar a importância de uma seção como essa, sua função lúdica e como esse tipo de texto se desdobra até os dias atuais.

Tomarei como parâmetro e ponto de partida o *Almanaque de 1922*.

¹ Professora do Colégio Pedro II. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa.



A “Seção charadística” dessa edição teve início na página 43, com algumas reclamações de José Leoni Palermo de Faria, a quem cabia a direção da seção. Segundo ele, houve uma redução do espaço ao longo do tempo e algumas charadas fugiam ao padrão previsto por apresentarem caráter tão hermético que se tornavam “esfinges indecifráveis”, o que terminava por obstruir seu propósito recreativo.

Nesse mesmo ano, novas regras, rigorosas, foram estabelecidas como parâmetros para aceitação dos textos recreativos, chamados de “especialidades charadísticas”: charadas, enigmas e logogrifos – em versos; enigmas figurados e charadas novíssimas - charada simples, feita em prosa composta de duas ou mais pedras e de um conceito enunciado em frase, indicado pelo número de sílabas de cada pedra e o número do total; charadas enigmáticas – em versos; charadas mefistofélicas – em versos, sem ultrapassar uma quintilha; etc. Além disso, todos os versos deveriam ser originais, com declarações cujas respostas pudessem ser conferidas a partir de uma série de dicionários previamente listados, dentre eles alguns

dedicados a charadas, entre outras regras de rigor gramatical, número de letras da resposta ao enigma etc. Tudo isso demonstra como a recreação era levada a sério. Ernesto Rodrigues avalia que as charadas, os enigmas e os logogrifos são “os passatempos que mais esforço intelectual requerem dos leitores da Imprensa de recreio e de almanaques” (RODRIGUES apud CHAVES, 2018, p. 106), assim como demandavam esforço de quem os produzia, e sua dificuldade se acentuou com passar do tempo, o que pude constatar nas minhas inúteis tentativas de identificar as respostas propostas pelos textos.

Em cada edição, encontrava-se presente um concurso charadístico, em que os decifradores votavam, em uma lista de enigmas/charadas, nos textos preferidos. O prêmio aos vencedores era a publicação no ano seguinte da foto dos criadores. Curiosamente, o editor reclamou do fato de os vencedores não enviarem suas fotos, impedindo, assim, que a homenagem acontecesse no ano seguinte, o que se verifica em 1922 em homenagens aos vencedores de 1920, e não aos de 1921, como na feita a José Gomes de Mattos e Silva, premiado por charada publicada em 1920 (NALLB, 1922, p. 65):



As charadas do Almanaque de 1921, cuja decifração aparece na edição de 1922, passaram por rigorosa avaliação de José Gomes de Matos e Silva, antigo colaborador da revista. Essa avaliação também se apresenta nos Almanaques subsequentes, composta de variadas formas – uma curiosidade: a de 1923, por exemplo, apropriou-se da forma poética para compor a análise crítica. As charadas e suas variantes, escritas em versos, tinham não apenas sua função recreativa analisada, mas também era avaliada a sua qualidade estético-literária. Assim, rigor métrico, qualidade das rimas, dentro de

critérios formais rigorosos, constavam como elementos importantes na avaliação do crítico, o que conferia qualidade estética, para além do valor charadístico. Isso se comprova, por exemplo, na charada da página 22, composta por versos heroicos, ou na da página 188, forjada em “magníficos versos alexandrinos”, segundo as palavras do crítico.

Os versos da charada do colaborador João Ninguém (*NALLB*, 1922, p. 30)², por exemplo, obedeciam à forma clássica do soneto, com métrica decassílaba, presença de rimas ricas (soneto/meto; caçada/caçoadá; quarteto/faceto, por exemplo). O caráter metalinguístico e humorístico se destacou em uma composição que remete, do ponto de vista do conteúdo, ao poema clássico de Gregório de Matos, em que compôs versos cheios de humor acerca da dificuldade de executar aquilo a que se propõe. No poema de João, ele destacou a facilidade, enquanto Gregório falava da dificuldade da encomenda: “Um soneto começo em vosso gabo; / Contemos esta regra por primeira, / Já lá vão duas, e esta é a terceira, / Já este quartetinho está no cabo”. Encomenda, humor, metalinguagem, rigor formal, elementos que unem em tradição as duas composições afastadas no tempo.

CHARADA

Vamos ver se componho este soneto,
Fazendo ao mesmo tempo uma charada,
Cousa simples, em ar de caçoadá...
Pois em altas funduras não me meto.

Já formei sem esforço um bom quarteto
De feição muito justa e apropriada,
E até para evitar grande maçada
O melhor é manter o tom faceto.

Assuntos não me faltam pra o entrecho,
À mente eles afluem com delícia...
Todo o meu embaraço está no fecho.

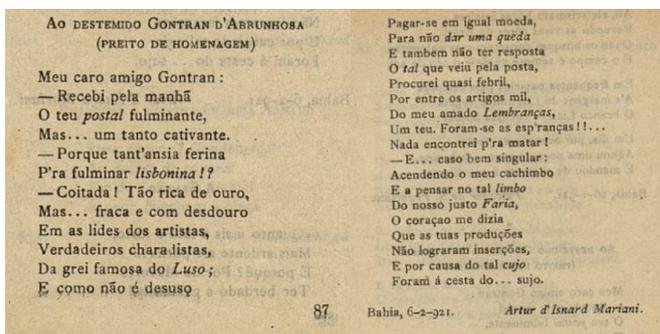
Se mirrada, porém, me for a língua - 2
E em caixa não houver certa perícia - 2
Do *Luso o colega* que supra a mímica.

² A página 30 corresponde, nesse caso, à segunda parte do Almanaque, que reinicia a contagem de páginas da revista.

Para que os passatempos cumprissem sua função lúdica, não poderiam afastar, com hermetismos, os decifradores. Segundo José Gomes, em sua avaliação crítica, charadas indecifráveis gerariam afastamento, porque sua função era ser uma “distração que suaviza e instrui o espírito”, e não “um martírio que mata a paciência” (NALLB, 1922, p. 57). Os textos iniciais, dessa forma, compunham um quadro crítico da produção de 1921, acompanhado de uma listagem de colaboradores.

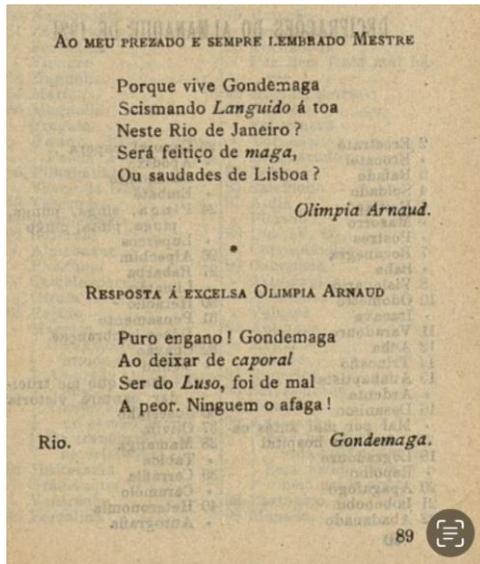
Na página 63, teve início uma subseção intitulada “Entre colaboradores”, na qual se abriu espaço para correspondências entre os produtores. Essa correspondência era quase totalmente composta por textos que versavam sobre charadas publicadas na edição anterior, endereçadas a decifradores específicos que passavam, então, a comentá-las também em forma de poema. Eles se apresentam como diálogos/duelos poéticos entre decifrador e decifrado e vice-versa, o que torna bem interessante o conteúdo dos versos.

No ano de 1922 houve inúmeros duelos, alguns em que se teceram elogios ao enigma proposto no ano anterior, outros com comentários irônicos, divertidos, em conversas entre colegas decifradores/produtores. Interessante observar o caráter metalinguístico de boa parte dessa produção, com referências ao conteúdo intertextual do mote desenvolvido na charada, com os poemas que dialogavam entre si e chamavam atenção, inclusive, para a materialidade do próprio *Almanaque*. É o que se vê, por exemplo, no poema em que, da Bahia, em 6-2-1921, o poeta-decifrador Arthur Isnard citou literalmente o “meu amado *Lembranças*” no verso 19. Havia um exercício não só lúdico, mas também formal, uma consciência do fazer poético, de autorreferenciação, da produção estética



Uma outra linha de atuação, curiosa, que excede mesmo a decifração para aludir a aspectos de caráter pessoal, são os poemas que, mais que charadas, fazem referência a aspectos pessoais, das mais variadas formas.

Um interessante exemplo é a maliciosa conversa poética mantida entre Olimpia Arnaud e Gondemaga:



O nome de Olimpia Arnaud apareceu no índice com a identificação de seus textos com origem em Fortaleza/Ceará. No ano de 1922, havia 32 “senhoras que colaboram no presente almanaque”, como é destacado na listagem dos colaboradores. Esse número é considerável, no contexto da época, e, no corpo das decifradoras, havia muitas brasileiras. No caso da colaboração das brasileiras, chama atenção o fato de que as contribuições tinham como origem diversas partes do país, poucas da Capital Federal, como é o caso de Olimpia, por exemplo. Como afirma Vania Pinheiro, “O conjunto das Senhoras, como o dos homens, engloba pouquíssimas figuras ilustres, a par com um grande número de outras pouco conhecidas ou mesmo totalmente ignoradas nos dias de hoje” (CHAVES, 2018, p. 103). Uma das hipóteses levantadas durante o encontro ocorrido em Lisboa, em 2022, acerca desse fenômeno, que também se verifica em relação à produção masculina, seria talvez o desinteresse na capital por um Almanaque cujo alcance e popularidade não fossem considerados relevantes, ou mesmo ao fato de que havia inúmeras outras produções em que colaborar. Essas hipóteses merecem um aprofundamento.

A seção de correspondência poética terminava na página 89 e era seguida de listas de colaboradores da edição de 1921. Após essa parte, apareceram textos de caráter informativo, fora do modelo de entretenimento, como os que falavam sobre os presidentes de Portugal e do Brasil, sobre as praias do Minho, os que indicavam preços dos “vapores” e trens, dias de feriado, situação das marés, signos e suas respectivas datas celebrativas, enfim, toda sorte de informações. Na página 160, no entanto, encerrava-se esse bloco do Almanaque e um novo se iniciava, inclusive com o fim da numeração anterior e reinício de uma nova. Sob o título de “Variedades”, recomeçava o Almanaque com a seção de entretenimento/passatempo referente então ao ano de 1922, com variados tipos de texto. Havia charadas e suas variantes, textos poéticos de caráter diverso, como textos de fundo cultural – que teciam considerações sobre a Torre Eiffel, igrejas, História, pinturas –, textos de humor, curiosidades, quadrinhas etc. O título “Variedades” é bem adequado à seção, pois havia de tudo um pouco; além do já citado, figuravam ainda provérbios, receitas úteis, por exemplo, sobre como tirar nódos de tinta, além de pequenas narrativas.

A tempo...

Passam um pelo outro 2 amigos, um dos quais caminha muito ligeiro:
 — Como vai, meu amigo?
 — Muito depressa... respondeu o outro sem parar.

CHARADAS (NOVÍSSIMAS)
Do jovem inteligente Silvino Olavo e João Bessa

No Ceará, vi o animal famoso. — 1,2
 Com este instrumento o criminoso fez uma aposta. — 1,1
 Duas vezes o rio Pó, pertence a esta diocese. — 1,2

Estanislau Passos Pimentel
 (Esperança — Paraíba do Norte).

26.

RECEITAS ÚTEIS

Nódos de tinta

Para tirar as nódos de tinta prepara-se uma solução concentrada de ácido oxalico em de oxalato de potássio, e metta-se-lhe dentro algumas folhas de mauborrão, que depois se deixam secar. Aplicado este papel sobre nódos frescos de tinta eles desaparecem imediatamente; se a tinta já estiver seca humedece-se um pouco o papel.

É preciso cautela no emprego do papel e da solução, porque as substancias empregadas são venenosas.

ENIGMA FIGURADO
(resposta)
Do mestre João Diabino

José Naveiro de Vasconcelos (Bonito—Pernambuco).

32

PIRAPORA — Escola de aprendizes marinheiros

Representa a nossa gravura a Escola de aprendizes marinheiros do Estado de Minas Gerais, na florescente cidade de Pirapora, de que já no almanaque de 1921 demos alguns aspectos.

CHARADA
Oferecida ao Padre Zacarias Romalho em referência ao Club Arcaico

Distintissima patente,
 Esqueleto militar,
 Faz obras, proficiente,
 De ideias singulares!

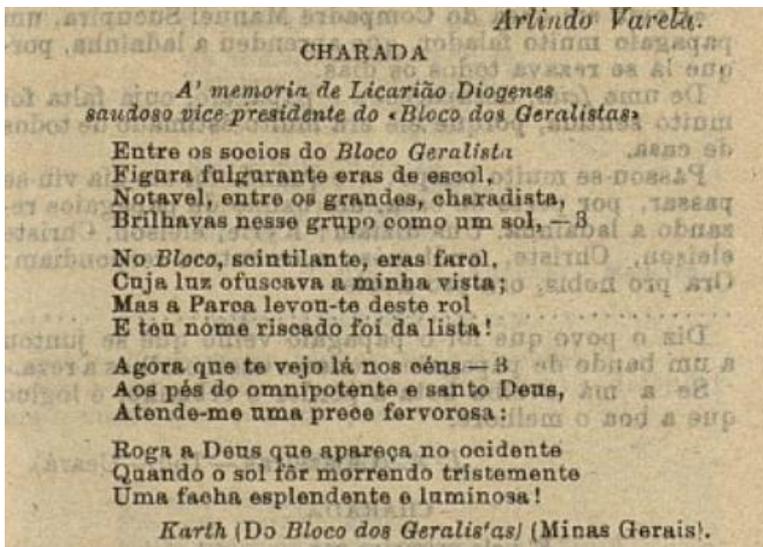
Transporta em outro bagagem — 4
 De exemplar misterio!
 Faz reparos, das mistagens — 2
 De engenho artilheiro, que quer
 Lataador inteligavel!
 Responde de seu invento!
 De seu saber invejavel
 Troncosos documentos — 2
 Von agora responder
 Por cousas que nunca fir,
 Como seculo, de saber
 Pelo modo do juiz.

Escrita de 40.

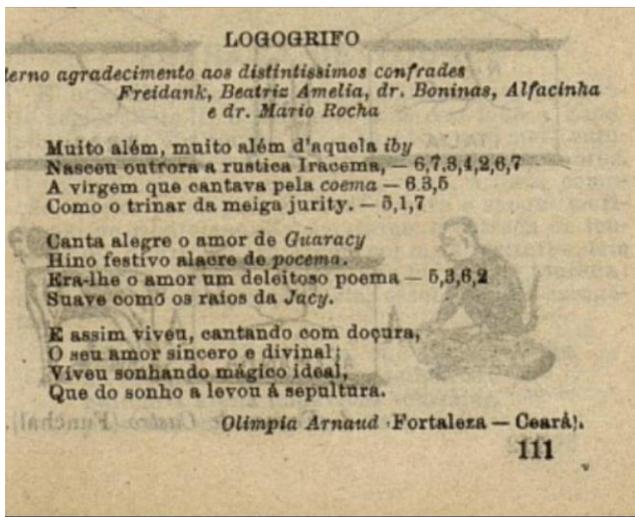
33

O caráter híbrido dos textos atendia a interesses variados, seguindo linhas diversas. Eles eram quase todos assinados, mas muitos por pseudônimos, criando uma atmosfera também charadista, afinal, saber o nome por trás do pseudônimo seria por si uma charada. Os textos não assinados provavelmente eram de autoria dos editorialistas, mas praticamente todos que integram a seção “Variedades” possuíam assinatura.

Um grupo de charadistas chama atenção nessa seção, o Bloco dos Geralistas, integrado por vários autores que, além de assinarem o próprio nome, identificavam-se como um “bloco” de escritores das Minas Gerais. Em geral, muitos dos textos produzidos na seção “Variedades” eram oferecidos a um ou mais decifradores específicos; havia também os dedicados a decifradores que votaram nas charadas/enigmas do autor. Vários, no entanto, foram direcionados não a um decifrador em especial, mas ao “bloco dos geralistas”, ou seja, poderiam ser decifrados por qualquer integrante do grupo. O caráter coletivo do bloco gerou em mim uma digressão. Enquanto lia os textos e via essa associação entre autores e “bloco”, imaginava o grupo a se encontrar para discutir as páginas do Almanaque, desvendar charadas e enigmas. Uma viagem ao passado e ao modo de recepção de revistas, da própria literatura em geral, em um tempo em que não havia tantos recursos que mais nos individualizam que nos agregam.

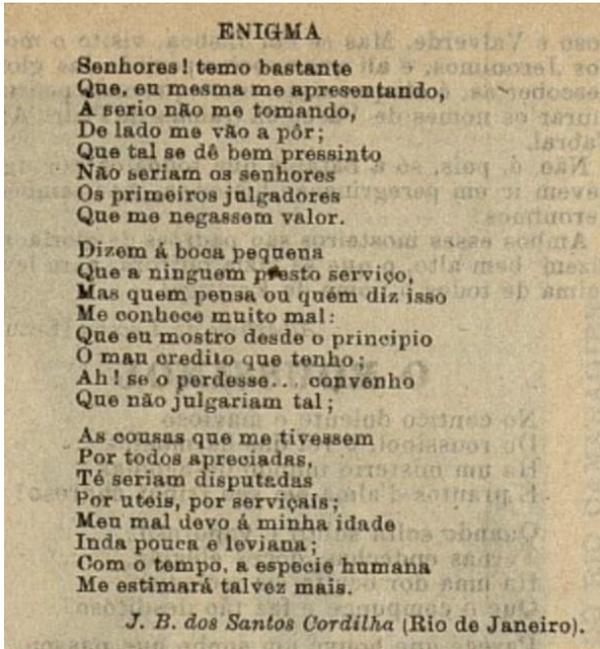


O volume de textos da seção “Variedades” do ano de 1922 é considerável. Há 414 artigos a serem decifrados, concentrados em 160 páginas na primeira parte, acrescidos de 384 a partir da seção “Variedades”, que inaugura nova numeração, perfazendo um total de 544 páginas. Dediquei-me especialmente à produção feminina, sem, no entanto, negligenciar outros textos. Esse recorte se deve ao fato de estar justamente trabalhando com a relação de mulheres que contribuíram nos Almanques no decênio de 1922 a 1932. A contribuição feminina, além de extensa, guarda algumas características curiosas, como uma dicção informal em seus diálogos com outros colaboradores, com toques de malícia, como citei anteriormente, com grau de intimidade pouco comum ao contexto da época. Ousaria dizer que há ali um clima de liberdade pouco provável no cotidiano feminino. Dessa produção feminina, chamou-me atenção um poema de Olimpia Arnaud, que, no volume de 1922, aparece com duas contribuições, uma em prosa, em que discorre sobre o rio Amazonas, e outra em forma de logogrifo. O logogrifo em questão homenageia a personagem Iracema, do romance homônimo de José de Alencar. A construção de um poema a ser decifrado, com tema literário específico, demonstra tanto capacidade estética quanto formação cultural. Olimpia Arnaud ainda aparece citada em uma charada oferecida a ela e a sua irmã Adelaide.

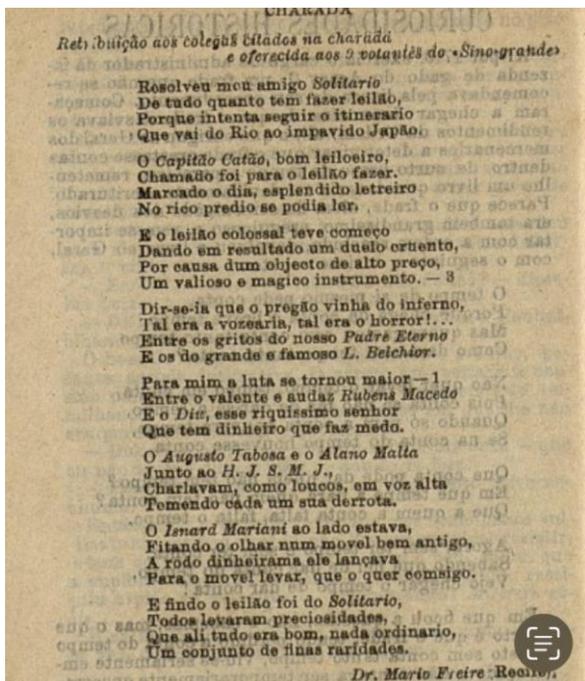


Essas circunstâncias em que textos eram diretamente oferecidos a nomes específicos também demonstram o caráter metalinguístico da maior

parte das charadas. Não só a materialidade da produção, como também a referência explícita ao *Almanaque* propriamente dito, a colaboradores citados literalmente, como é o caso da Charada do Dr. Mario Freire (*NALLB*, 1922, p. 134), de Recife; um delicioso texto poético cujo conteúdo é uma grande homenagem aos companheiros de ofício.

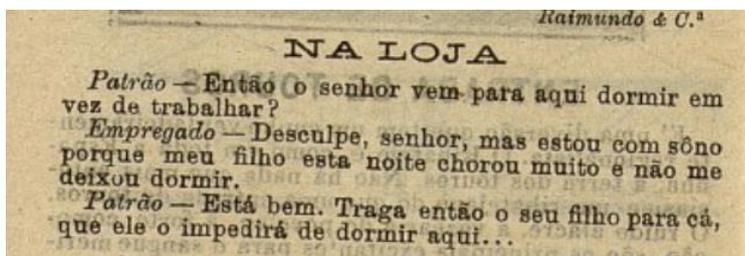


Dentre os textos lidos, um em especial desperta curiosidade. Um enigma cujo autor se apresenta como J. B. dos Santos Cordilha parece ter sido produzido por uma mulher que quis se manter incógnita, ela própria um enigma a ser decifrado. Não há como afirmar com certeza ser uma mulher a autora, no entanto, no corpo do texto, no 2º verso, há a seguinte afirmação: “Senhores! temo bastante / Que, eu MESMA me apresentando, / A sério não me tomando / De lado me vão a por [...]” (*NALLB*, 1922, p. 187).



A distinção entre eu-poético e autor é necessária, porém, o tom pessoal do poema, assim como a preferência por adotar as iniciais do nome, aliado a uma consciência de que talvez seu gênero lhe impedisse de ser levada a sério ou de ter seu valor reconhecido, leva a supor que, de fato, seja um texto de autoria feminina. Um caso a ser pesquisado talvez a partir de uma busca por outros poemas de mesma autoria, ou mesmo da verificação da presença de algum outro texto com a explicitação das iniciais.

Os diversos tipos de texto da seção “Variedades” mostram como o passatempo, tanto quanto os textos de caráter informativo, associados a curiosidades, sempre tiveram um público fiel. Na verdade, o Almanaque tem a maior parte de sua produção associada a diferentes versões textuais de passatempos. O rigor formal dos versos, as charadas enigmáticas, de difícil decifração no contexto atual, se sustentam como textos ainda hoje, e muitos com inquestionável valor estético. Ao mesmo tempo, todo esse rigor muitas vezes é acompanhado de temas anedóticos e textos de humor. Impossível não rir ao ler um dos vários textos curtos de humor.



A linha do passatempo se mantém presente como uma necessidade de leitura e fruição, mesmo que atualmente adquira feições variadas. Não à toa, fazem sucesso os aplicativos como sudoku, as cruzadinhas, os textos humorísticos convertidos em *sitcons* televisivos. Hoje já se constatou, por meio de diversas pesquisas, inclusive na área médica, a importância e os benefícios dos desafios mentais para a saúde e vida social. Psicólogos afirmam que se dedicar a uma atividade agradável conduz a um estado mental caracterizado por menos ansiedade, o que ajuda a regular as emoções e o estresse do dia-a-dia. Dessa forma, dedicar-se aos passatempos de maneira regular favorece o equilíbrio psicológico. Já sabiam os antigos produtores de almanques, o que se comprova na importância dada aos desafios mentais dos passatempos no *Almanaque Luso-Brasileiro*, especialmente a partir do momento em que se modifica e incorpora a palavra *Novo*. O volume de páginas dedicado a eles destaca a importância dessa produção e também o seu sucesso e sua contribuição para estreitar de fato os laços entre Brasil e Portugal. A tradição do Almanaque se mantém viva, recriada e modificada ao gosto de uma nova época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHAVES, Vania Pinheiro. Recepção e fortuna crítica de escritoras brasileiras no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. *Miscelânea*, Assis, v. 24, p. 99-126, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1220/1130>. Acesso em: maio de 2023.

CORDEIRO, O. Xavier (diretor). *Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1922*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1921.

Recebido em: 15 set. 2023

Aprovado em: 05 nov. 2023